

Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: Oficina de Homens
*Patrícia Regina Corrêa Barreto**

RESUMO: Longe de ser uma associação de classe, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional foi criada no espírito da Ilustração e era, como tantas outras sociedades da época, uma comunidade que se propunha ser científica, mas que congregava no mesmo espaço cientistas, letrados, políticos e homens ligados ao mundo dos negócios. No entanto, o seu afastamento das artes literárias e poéticas a fez diferente das congêneres brasileiras, surgiu com o objetivo de explorar a natureza e colocá-la a serviço do progresso e da transformação do país.

ABSTRACT: Far from being a class association, the Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional was created in the spirit of the Illustration and was, as other societies of the time, a community devoted to science, congregating in the same fold scientists, scholars, politicians and men of the world of business. However, by distancing itself from the literary establishment, it differed from similar Brazilian societies, emerging with the objective of exploiting nature and placing it at the service of progress and the transformation of the country.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA, CIÊNCIA, SOCIEDADE.

Hoje, no auge da exaltação da visão globalizadora do mundo, ainda perdura a contraposição entre a Cultura Científica e a Cultura Humanística. Num pólo estão os cientistas, no outro os “intelectuais”, e entre eles um vácuo que a História da Ciência tenta preencher. A questão das “duas culturas” foi formulada por Charles Percy Snow (1905-1980), durante uma palestra apresentada em Cambridge em 1959¹ e, desde então, essa expressão tem sido usada para sintetizar o distanciamento progressivo entre as Ciências Naturais e as Humanidades, iniciado quando um modelo de racionalidade passou a presidir a Ciência Moderna a partir da Revolução Científica do século XVI, e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente nos domínios das Ciências Naturais. Daí promoveu-se o divórcio entre

* Formada em História no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Graduada em Brasil Colônia, pelo Instituto de Humanidades da Universidade Cândido Mendes. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientanda do Professor Doutor Carlos Alberto Lombardi Filgueiras.

¹ O termo “duas culturas” é usado pela primeira vez por Snow no artigo “The Two Cultures”, da revista *New Statement*, 6 de Outubro de 1956, p. 413.

o conhecimento filosófico ou literário e a experimentação e a construção de modelos matemáticos dos fenômenos naturais. Os humanistas aleijaram-se de conceitos básicos da Ciência, enquanto os cientistas censuraram o conhecimento das dimensões psicológicas, sociais, éticas e humanas dos problemas científicos. A segmentação metodológica resultante inviabilizou a relação ou mesmo a aproximação entre os campos de pesquisa.

No entanto, nos últimos anos observou-se uma aproximação entre a História e a Ciência que não se restringiu apenas à discussão sobre o grau de cientificidade das pesquisas ou à elaboração de pesadas biografias. Uma aproximação que se ampliou na dimensão do discurso científico como uma construção socialmente determinada, limitado pelos recursos (lingüísticos, conceituais, materiais etc.), de que dispõem os que o produzem. Essa construção discursiva remete, necessariamente, às posições e às propriedades sociais objetivas, exteriores ao discurso, que caracterizam os diferentes grupos, comunidades ou classes que constituem o mundo social dos cientistas.

Desta forma, a Ciência passa a ser representada como atividade de produção de conhecimento socialmente influenciada, cujas práticas ordinárias são estabelecidas a partir de determinações múltiplas que definem, para cada comunidade, os comportamentos legítimos e as normas incorporadas. Abre-se, portanto, a prerrogativa para uma pesquisa de perspectiva sociocultural, objetivando a elucidação da relação entre a produção científica e os contextos culturais, institucionais e históricos de um determinado período.

Nesse caso, a natureza e a significação das idéias perpassam a sua noção estática de representação mental abstrata, e determina algo mais dinâmico, ligado ao julgamento intelectual, mas, fundamentalmente, às práticas que tecem a trama das relações quotidianas e exprimem a maneira como uma comunidade ou indivíduo, em um determinado tempo e lugar, vive e reflete sua relação com o mundo, com a natureza e com a história.

O que se pretende implementar, a partir desta possibilidade de pesquisa, é um estudo de caso sobre a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, isto é, uma releitura da História do Brasil no século XIX, a partir dos impasses relativos ao processo de institucionalização da Ciência no Brasil, no contexto histórico do fim do período colonial, e na estruturação de uma nova nação independente que aspira ao seu reconhecimento enquanto um Estado civilizado. O cerne deste trabalho localiza-se na reflexão sobre o processo de estabelecimento do pensamento científico brasileiro através de uma associação de caráter privado que teve como objetivo central fomentar as práticas, procedimentos, descobertas científicas em prol do progresso brasileiro, através de uma estreita relação entre o desenvolvimento econômico e as

conquistas científico-tecnológicas, no decorrer do século XIX, dando lugar a uma especialização crescente nos diversos campos científicos.

Longe de ser uma associação de classe, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional foi criada no espírito da Ilustração e era, como tantas outras sociedades da época, uma comunidade que se propunha ser científica, mas que congregava no mesmo espaço cientistas, letrados, políticos e homens ligados ao mundo dos negócios. No entanto, o seu afastamento das artes literárias e poéticas a fez diferente das congêneres brasileiras. A associação, que não tivera um caráter dissidente ao sistema político-econômico, pelo contrário, surgiu com o objetivo de explorar a natureza e colocá-la a serviço do progresso e da transformação do país. Criada na efervescência da Independência, em seus estatutos constava o seu fim: “promover por todos os meios ao seu alcance, o melhoramento e prosperidade da Indústria no Império do Brasil” (ESTATUTO DA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDÚSTRIA NACIONAL, 1831: 01), amalgamando os alicerces econômicos da nova nação com a produção de conhecimento científico.

A SAIN, que teve como inspiração a francesa “*Société D’Encouragement à L’Industrie Nationale*”², da qual herdou seu próprio nome, e a portuguesa Sociedade Promotora da Indústria Nacional (1822), nasceu sob a jurisdição do Governo, ligada ao Ministério dos Negócios do Império, e que passaria para os domínios do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras (MACOP). A partir de 1860, passou a funcionar como órgão consultivo do Estado, concedendo licenças e prêmios para aqueles que se dispusessem a desenvolver novas espécies e máquinas agrícolas. Assim sendo, seu quadro de associados era composto, em sua grande maioria, por políticos e cientistas que decidiam as atividades a serem realizadas pelas Comissões de estudo da Sociedade. A diretoria, de um modo geral, era ocupada por políticos, ao passo que demais cargos como os secretários, redatores eram professores ou especialistas em Ciências Naturais, que se dedicava ao estudo dos problemas econômicos e a proposição de soluções, tanto no campo prático, como na da formulação de ações do Estado para esse fim.

De acordo com seus primeiros estatutos, objetivava-se adquirir projetos, máquinas, modelos e inventos que pudessem contribuir para “o aumento e a prosperidade da indústria nacional neste Império”. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional esteve voltada, prioritariamente, para transformação de uma agricultura rotineira e esgotadora baseada no machado e na coivara, em uma atividade moderna revigorada por insumos, pelo

² A “*Société D’Encouragement à L’Industrie Nationale*” foi fundada em 1801, na França, pelos cientistas Chaptal, Thénard e Dumas.

desenvolvimento e adaptação tecnológica, tropicalização e variedades de culturas, resultando na retomada e expansão agrícola, perfazendo a vocação das terras brasileiras: elemento de grandeza e prosperidade de futuras gerações. Teve como fim a melhoria do processo produtivo através da introdução de inovações técnicas produzidas pelo conhecimento científico.

A fim de popularizar as novas técnicas de plantio, a associação lançou a revista *O Auxiliador da Indústria Nacional*, que começou a ser editada em 15 de janeiro de 1833. E, permaneceu noticiando mensalmente, até 1892, memórias, tabelas, artigos estrangeiros e nacionais, atas, relatórios, pareceres que tratavam sobre os mais variados assuntos: desde o emprego de máquinas na agricultura e da construção de estradas de ferro, perpassando pelas memórias sobre o café, a fabricação de produtos de origem animal e vegetal, a produção do açúcar e da farinha da mandioca, navegação a vapor, além das traduções de artigos, até a resolução de problemas de caráter doméstico como praga de ratos ou conservação de livros.

Ainda pertinentes ao objetivo de desenvolver a produção por meio da técnica, os projetos de criação de Escolas Normais, especialmente de uma Escola Agrícola tornaram-se pauta permanente nas sessões da SAIN. Em agosto de 1838, o Conselheiro Administrativo da Sociedade solicitou ao Governo Imperial a concessão de parte das terras da Fazenda da Lagoa Rodrigo de Freitas para nelas ser estabelecida uma Escola Normal, para a formação de professores, e uma Escola Agrícola, para prática laboratorial dos alunos. O ensino a ser ministrado nessas escolas deveria aliar o aprendizado prático ao teórico, abrangendo a utilização das máquinas na lavoura, o conhecimento técnico e teórico de: Geometria, Mecânica, Física, Astronomia, Aritmética, Álgebra e Botânica.

Outro projeto educacional foi tentado. Em 1854, a SAIN recebeu uma proposta para o estabelecimento de uma fazenda modelo, o Farol Agrícola e Industrial, que funcionaria como escola agrícola, estruturada nos moldes de uma sociedade anônima. Depois de dois anos de planejamento, a fazenda do Mendanha, na Província do Rio de Janeiro, passou a funcionar como escola prática de agricultura, mas em função da falta de investimentos, foi fechada pouco tempo depois.

A mesma Sociedade foi ainda promotora de um dos maiores eventos do Segundo Reinado: a *Primeira Exposição da Indústria Nacional*. Em 02 de dezembro de 1861, na presença de toda Família Real, no edifício da Escola Central, tinha início culminância de todos os projetos implementados desde 1827. A mostra, que contou com representantes de onze províncias, era o “ensaio geral” da participação do Brasil Exposição Universal de

Londres, em 1862, na qual todas as nações civilizadas do mundo poderiam expor as suas riquezas e progressos. Coube à Auxiliadora a Comissão Científica para a seleção dos objetos que seriam expostos aqui, e posteriormente na Inglaterra, além da premiação dos mesmos.

O objetivo desta pesquisa, fonte de nossa tese de doutorado, é ampliar e sistematizar as problematizações científicas em torno da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, a mais duradoura das corporações imperiais, depois do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Assim, o que se pretende apreender é a forma pela qual os seus membros se colocaram em face da inserção da comunidade brasileira no contexto científico do mundo ocidental, a partir de 1827, data de sua fundação.

A SAIN teve como Protetores e Presidentes Perpétuos os Imperadores Dom Pedro I e Dom Pedro II, sendo presidida por grandes individualidades do Império, como o Marquês de Abrantes, estadista e diplomata brasileiro que ganhou notoriedade pela defesa dos interesses do Brasil contra o governo britânico no episódio conhecido como Questão Christie. Ou ainda o Visconde do Rio Branco, sem falar de tantas outras figuras ilustres que compunham o seu quadro de sócios. O secretário da Sociedade, Cunha Matos, em 1837, informava que entre os membros da associação havia “Conselheiros de Estado, Ministros e Secretários de Estado, Senadores, Deputados, Titulares, Eclesiásticos, Ministros e Empregados de tribunais, Médicos, Advogados, Negociantes, Capitalistas e Gerais...” (MATOS, 1837). Quase quarenta anos mais tarde, o também secretário, Pereira Rego Filho listava da seguinte maneira os novos membros: “Doutores, Empregados Públicos, Advogados e Bacharéis, Titulares, Conselheiros e Comendadores, Fazendeiros e Agricultores, Negociantes, Agentes e Corretores, Tipógrafos, Escrivães, Engenheiros, Farmacêuticos e Professores” (O AUXILIADOR DA INDÚSTRIA NACIONAL, 1857: V. 43, 526). Este elenco de sócios, reunidos em uma mesma instituição patrocinada pelo Estado, com atribuições burocráticas, passou despercebida pela historiografia tradicional.

Apesar de ter sido órgão consultivo do Governo Imperial durante sessenta e dois anos e ter uma tradição histórica no campo econômico que remonta a aproximadamente 180 anos na praça industrial carioca, a SAIN é desconhecida ou subestimada pela imensa maioria dos pesquisadores que se ocupam do século XIX. Até mesmo os biógrafos do Imperador Dom Pedro II, deixaram de assinalar a figura do segundo Bragança como seu *Defensor Perpétuo* e suas idas às reuniões no salão térreo do Museu, no Campo da Aclamação. Segundo Werneck, quando Dom Pedro II embarcou para o exílio, em 1889, no seu pequeno séqüito figurou, voluntariamente, o presidente da Seção de Máquinas e Aparelhos da Sociedade Auxiliadora: o

engenheiro André Rebouças, o que demonstra a aproximação do Imperador, senão com todos os associados, pelo menos com os membros do Conselho Administrativo.

A Auxiliadora, mesmo sendo uma sociedade civil de direito privado, foi uma instituição patrocinada pelo Estado, tendo seus Estatutos aprovados pelo Governo Imperial, com enquadramento ministerial, subvenção anual no orçamento do Estado e membros que compunham a equipe de pareceristas oficiais encarregados de conceder privilégios públicos. E, mesmo sendo um órgão de importância vital no projeto de desenvolvimento econômico do Império, foi relegada ao esquecimento por grande parte dos pesquisadores que se dedicam à História do Brasil do século XIX.

O mais surpreendente foi constatar o total alheamento do *Auxiliador* como fonte primária de pesquisa acerca dos assuntos da sociedade e da mentalidade imperial brasileira. A revista, cuja difusão extrapolou a Corte, acompanhou os progressos científicos e tecnológicos inerentes à Revolução Industrial, divulgando a adoção da máquina a vapor e a mecanização do trabalho como condição para o progresso. Em 1836, por exemplo, publicou na íntegra a Memória do Conde de Gestas sobre o “*Estado atual da indústria na Cidade do Rio de Janeiro e lugares circunvizinhos*”, no qual se constatava a decadência do açúcar, em relação ao café e a inferioridade técnica da produção, sugerindo a adoção imediata de máquinas e da moenda de ferro. Logo após, em 1838, o *Auxiliador* registrou o recebimento de Memórias, acompanhadas de amostras, sobre o potencial combustível do carvão mineral e suas possíveis aplicações no processo produtivo. O que, de certa maneira, demonstra que o Brasil não estava tão aquém das descobertas européias quanto afirma a historiografia tradicional. E, mesmo sendo uma, senão a maior promotora do espírito científico bem como da aplicação das Luzes à realidade brasileira nos primeiros anos do Império, a Sociedade que não media esforços para a criação de institutos e academias, concretizando a idéia de criação de um Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da fundação do Instituto Fluminense de Agricultura, foi ignorada pelos por grande parte dos historiadores.

A Sociedade Auxiliadora, enquanto um campo de debate científico, social, político e econômico, desempenhou um papel fundamental na implantação de práticas e conhecimentos científicos durante boa parte do Império, na medida em que se constituiu como entidade que congregava uma parcela expressiva da elite e se empenhava na promoção de iniciativas e na formulação de políticas públicas voltadas para a modernização econômica do país. Pela sua ligação íntima e profunda com o Estado, como bem explica Maria Amélia Dantes, a associação de notabilidades da intelectualidade brasileira viabilizou um espaço onde a

atividade científica passou a expressar uma realidade concreta ligada a agentes ativos de um tempo e de um espaço social (DANTES, 2001). O conceito de instituição adquire, neste sentido, uma forma ampla, que não se limita ao lugar onde ocorreram os debates científicos, mas a possibilidade de confluência de conhecimentos consolidados a partir da ação de um grupo de pesquisadores que tiveram a iniciativa de reunir e manter as condições propícias para a produção, a difusão, o ensino, a divulgação, o debate, a organização, o fomento, o consumo e a prática da Ciência através do tempo.

O fator preponderante deste trabalho é o estudo de uma Ciência que tem por objeto o espírito humano, que reserva em si grandes vestígios sensíveis da sua paisagem social, política e econômica por trás dos seus escritos, das suas teorias e de seus modelos aparentemente neutros. A atmosfera em que seu pensamento respira, a categoria da duração de seus debates e das suas proposições, é todo um conjunto que esta pesquisa de doutorado aspira tornar inteligível através do estudo de uma instituição: A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, traçando um quadro que permita compreender, através do levantamento das flutuações do seu grupo de sócios, da análise dos seus Estatutos e das suas Atas, do exame detalhado dos concursos e dos seus Projetos, da identificação dos Artigos publicados em seu periódico e, por fim, das exposições nacionais e internacionais nas quais esteve envolvida, o papel desempenhado pelo órgão na promoção de modelos, alternativas, projetos e soluções que viabilizassem a construção da nação e a promoção do progresso material da mesma, participando direta e/ou indiretamente da política e da administração do país durante todo o século XIX.

Apreender e pesquisar a evolução da Ciência, dentro de um contexto histórico, balizando-se por aspectos inerentes à sua própria evolução, bem como por dimensões psicológicas, sociais e éticas, este é o norte deste trabalho, os caminhos que seguimos na busca de uma Ciência que não tem fim nela mesma, mas que é produzida e é, ao mesmo tempo, produto de homens que foram cunhados pelas múltiplas predisposições do seu tempo e espaço social.

Bibliografia

- DANTES, Maria Amélia M. (org.). “Espaços da Ciência no Brasil: 1800 – 1930”. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- “Estatuto da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional”. Rio de Janeiro: Typographia Imperial D’ Émile Seignot Plancher, 1831
- HEIZER, Alda Lúcia. “Observar o Céu e medir a Terra. Instrumentos científicos e a participação do Império do Brasil na Exposição de Paris de 1889”. Tese apresentada ao Instituto de GeoCiências – UNICAMP: São Paulo, 2005.
- MAIA, Emílio Joaquim da Silva. “Introdução”. In: **Auxiliador da Indústria Nacional**. Rio de Janeiro: Tipographia J. S.Cabral, no. 1, junho de 1846.
- MATOS, Raimundo José da. “Relatório recitado em sessão pública da Assembléia Geral da Sociedade Auxiliadora da Indústria nacional do Rio de Janeiro em o dia seis de agosto de 1837, mandado imprimir por conta da mesma Sociedade”. Rio de Janeiro, Tipographia Nacional, 1837.
- “O Auxiliador da Indústria Nacional”. Rio de Janeiro: Tipographia Universal Laemmert, 1857, Volume 43, p. 526.
- PERUGINE, Edna. “A Palavra Indústria na Revista O Auxiliador da Indústria Nacional (1833 – 1843)”. São Paulo, 1978.
- SNOW, C. P.. “As duas culturas e uma segunda leitura: Uma versão ampliada das duas culturas e a Revolução Científica”. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.